

FICHA TÉCNICA

Título: *A Loja Coreana das Segundas Oportunidades*

Título original: 불편한 편의점 (*Uncanny Convenience Store*)

Autor: *Kim Ho-Yeon*

Copyright © 2021 Kim Ho-Yeon

Todos os direitos reservados.

Edição original publicada por Namu Bench.

Edição portuguesa publicada por acordo com Namu Bench
através de KL Management em associação com Patricia Seibel.

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução do italiano: *Marta Pinho*

Revisão: *Beatriz Fonseca/Editorial Presença*

Ilustração de capa: *Banzisu*

Design e composição de capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição: *Gráfica 99, Lda.*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 536 822/24

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2024

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt



Índice

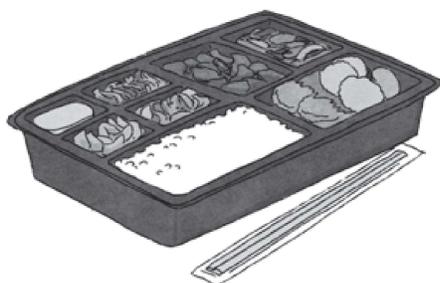


1. Um *dosirak gourmet* 9
2. O Chato Como A Potassa 47
3. A utilidade de um *kimbap*
triangular 77
4. Dois pelo preço de um 99
5. A loja de conveniência
inconveniente 121
6. Quatro latas por dez mil *wons* 149
7. Embora fora do prazo, ainda está
bom 173
8. ALWAYS 201



1

Um *dosirak* gourmet



Quando Yeongsuk Yeom se apercebeu de que a bolsa em que guardava todos os seus documentos já não estava na sua mala, o comboio já passava a toda a velocidade perto de Pyeongtaek. O verdadeiro problema era que não conseguia lembrar-se de onde poderia tê-la perdido, e este vazio na memória deixava-a mais preocupada do que a perspectiva de já não ter os documentos. Banhada em suor, tentou reconstituir o que fizera naquele dia.

Estava certa de ainda ter a bolsa consigo quando comprara o bilhete para o comboio KTX na Estação Central de Seul. Caso contrário, não teria conseguido tirar o cartão para pagar. Depois esperara pelo comboio cerca de meia hora, sentada a ver as notícias no ecrã da televisão da sala de espera. Já no comboio, adormecera com a mala ao colo, e, quando acordara, não lhe pareceram que lhe tivessem mexido nela. Só quando a abriu para tirar o telemóvel é que se apercebera do desaparecimento das suas coisas. Ao pensar que já não tinha consigo a bolsa, a caderneta do banco e a sua agenda, sentiu-se sem ar.

Tentou reaver a memória, inverter desesperadamente a direção da paisagem que desaparecia fora das janelas da carruagem, com os pensamentos a correrem à velocidade do comboio.

O homem de meia-idade sentado ao seu lado tossiu, talvez incomodado pelo comportamento bizarro daquela mulher que balbuciava sozinha e agitava as pernas num esforço por se concentrar.

Mas não foi aquele golpe de tosse que interrompeu o fio dos seus pensamentos, mas sim o toque do telemóvel proveniente da mala. Era uma canção dos ABBA, mas ela não conseguia lembrar-se do título. Seria «Chiquitita»? Ou «Dancing Queen»?

Oh, não, lamento, Junbee, mas acho que a avó tem mesmo Alzheimer, disse para si mesma.

Só quando pegou no telemóvel com as mãos a tremer é que a senhora Yeom se lembrou de que o título da canção era «Thank You for the Music». E, ao mesmo tempo, percebeu que lhe ligavam de um número desconhecido com o prefixo 02. Respirou fundo e atendeu.

— Estou?

Por um instante, não obteve resposta, mas o ruído de fundo fê-la especular que o interlocutor se encontraria num local público.

— Quem fala?

— É a Yeongsuk... Yeom?

Uma voz tão roufenha que nem parecia humana. Como a de um urso que acabou de acordar da sua hibernação, de sair da sua toca e berrar ao fim de um longo silêncio.

— Sim, sou eu.

— A... bolsa.

— Ah, encontrou-a? Posso perguntar-lhe de onde está a ligar?

— Seul.

— De onde, exatamente? É, por acaso, da estação central?

— Sim. Da estação... central.

A senhora Yeom deixou escapar um suspiro de alívio. Depois pigarreou.

— Muito obrigada por me ter ligado. Estou de momento no comboio, mas na próxima estação saio e volto para trás imediatamente.

Entretanto, se preferir, pode deixar os meus documentos num local seguro e ir à sua vida. Seja como for, far-lhe-ei chegar uma recompensa.

— Não sei... para onde ir.

— Ah, compreendo. Na estação central, onde posso ir ter consigo?

— À loja de conveniência GS... perto da linha do comboio para o aeroporto.

— Obrigada. Chegarei o mais depressa possível.

— Tenha... cuidado.

— Claro, até mais logo.

Desligada a chamada, a senhora Yeom teve uma sensação de mal-estar. A julgar pelo modo de falar arrastado que ouvira ao telemóvel, que quase parecia a voz de um animal, tratava-se provavelmente de um sem-abrigo. Aliás, tinha quase a certeza. Percebia-se pelas suas palavras, «não sei para onde ir», e pelo prefixo 02, o dos telefones públicos: era evidente que quem quer que fosse não tinha telemóvel.

O medo da senhora Yeom era que o sem-abrigo quisesse algo em troca pela bolsa. Mas também era improvável que um homem que se dera ao trabalho de lhe ligar só para devolver as suas coisas comportasse desse modo. Disse a si mesma que bastariam quarenta mil *wons* em dinheiro como recompensa. Precisamente nesse instante, ouviu-se na carruagem o aviso da paragem seguinte, na cidade de Cheonan. A senhora Yeom guardou o telemóvel na mala e levantou-se.

O comboio acabara de passar por Suwon quando o telemóvel voltou a tocar. A senhora Yeom murmurou algumas palavras da letra de «Thank You for the Music» para prevenir o Alzheimer e olhou para o ecrã. Era o mesmo número de há pouco. Tentando controlar a ansiedade, atendeu.

— ...Sou eu.

Era a voz rouca do homem. A senhora Yeom tentou adotar um tom de voz firme, como quando, no passado, se dirigia aos seus alunos.

— Diga.

— Desculpe... senhora... tenho fome.

— Perdão?

— Será que posso comprar... um *dosirak* para comer?

O coração da senhora Yeom derreteu-se um pouco, quer ao ouvir o interlocutor tratá-la por senhora, quer pelo pedido do *dosirak*, uma daquelas refeições pré-confecionadas que são vendidas nas lojas de conveniência. Num ímpeto de generosidade, disse:

— Claro. Compre qualquer coisa para comer. E deve ter sede, por isso, compre também uma bebida.

— O... Obrigado.

Mal desligou a chamada, recebeu uma mensagem de aviso de pagamento. Foi tão rápido que se perguntou se o homem não lhe teria ligado diretamente da caixa da loja de conveniência. Para estar assim tão esfomeado, devia tratar-se mesmo de um dos sem-abrigo que grassavam pela estação central, fazendo conluio com os pombos. A mensagem dizia: «*Dosirak de Park Chanho — GS, 4900 wons*». *Deve ter sentido vergonha de comprar também uma bebida*, pensou ela.

Abandonando a ideia de pedir a alguém que a acompanhasse, por segurança, a senhora Yeom decidiu ir sozinha ao encontro do homem. Com setenta anos, e apesar dos primeiros indícios de Alzheimer, ainda tinha muita confiança em si mesma. Chegara à reforma sem nunca ter cedido a nenhum compromisso e lidara com todo o tipo de alunos, por isso, não havia motivo para ter medo.

Chegada à estação central, procurou as escadas rolantes para a linha do aeroporto. A loja de conveniência GS ficava do lado direito, em frente às escadas rolantes, e o homem com a voz de urso estava acorocado em frente à entrada, com o rosto afundado num *dosirak*. Agora que estava tão perto, a situação pareceu-lhe

subitamente mais real, e ela sentiu um nó de preocupação na garganta. O homem tinha o cabelo comprido e tão incrustado de sujidade que fazia lembrar as franjas de uma esfregona de lavar o chão; usava um casaco desportivo leve e calças de algodão que poderiam ser ou castanhas ou bege. Estava absorvido a comer minissalsichas da caixa do *dosirak*, agarrando-as atentamente com os pauzinhos. Era um sem-abrigo, sem sombra de dúvida.

A senhora Yeom encheu-se de coragem e aproximou-se. De repente, contudo, três homens lançaram-se sobre o sem-abrigo que comia descansado a sua refeição, obrigando-a a parar a meio do caminho. Os recém-chegados, ferozes como hienas, deviam ser vagabundos da estação. Diante dos olhos dela, empurraram e bateram no homem do *dosirak*, enquanto tentavam tirar-lhe qualquer coisa.

A senhora Yeom voltou-se e tentou chamar a atenção das pessoas que passavam, mas estas apenas viam uma briga entre sem-abrigos e prosseguiram indiferentes.

O homem largou a caixa com a comida lá dentro e dobrou-se em posição fetal para se proteger dos murros. No entanto, acabou por ser dominado pelo grupo e levantou um braço para permitir que os assaltantes lhe roubassem o que estava a defender. A senhora Yeom, que assistia ansiosa à cena, viu finalmente do que se tratava. Era a sua bolsa cor-de-rosa!

Depois de terem pontapeado o homem estendido no chão, os outros sem-abrigo começaram a afastar-se. A senhora Yeom, tão chocada que já nem sentia as pernas, quase desabou. Contudo, de repente, o homem levantou-se como um raio e lançou-se contra um dos seus agressores, que tinha nas mãos a pequena bolsa cor-de-rosa.

— Agh!

Com um grunhido, o homem do *dosirak* agarrou na perna do ladrão e fê-lo cair, atirando-se para cima dele e arrancando-lhe a bolsa. Num instante, os outros caíram em cima dele. Os olhos da

senhora Yeom animaram-se. Levantou-se e correu até eles, gritando a plenos pulmões.

— Seus delinquentes! O que pensam que estão a fazer?

Ao ouvir os gritos, os três homens pararam. Enquanto corria, a senhora Yeom ergueu a mala e bateu num em plena face. Os outros dois começaram a recuar.

— Agarra que é ladrão! Roubaram-me a bolsa! Socorro! Socorro!

Perante os gritos da senhora Yeom, desta vez, os transeuntes começaram a parar, e os três homens, um a um, viraram costas e fugiram. Só o do *dorisak* ficou no chão, encolhido, ainda agarrado à bolsa. A senhora Yeom aproximou-se.

— Está bem?

O homem ergueu o rosto para ela. Os olhos inchados, o nariz sujo de sangue e muco, e a boca coberta por uma barba descuidada, davam-lhe um ar de um homem primitivo acabado de regressar de uma caçada. Só nesse momento pareceu aperceber-se de que os seus agressores tinham desaparecido e, lentamente, reergueu-se, sentando-se. A senhora Yeom tirou um lenço da mala e agachou-se à frente dele.

Um cheiro rançoso assaltou-lhe as narinas. Ela susteve a respiração e estendeu-lhe o lenço, mas o homem abanou a cabeça e limpou o nariz à manga do casaco.

Apercebendo-se de ter temido, por um instante, que o sangue e o muco do homem pudessem ir parar à sua bolsa, a senhora Yeom sentiu vergonha dos seus pensamentos.

— Tem a certeza de que está bem?

O homem anuiu, observando-a. Sob o peso daquele olhar, a senhora Yeom pensou por um momento que fizera algo errado. Queria ir-se embora o mais depressa possível. Mas antes teria de recuperar a bolsa e os documentos.

— Obrigada por ter defendido a minha bolsa.

Com a mão direita, o homem pegou na bolsa que escondera debaixo do braço esquerdo e estendeu-lha. Mas, quando ela ia agarrar nela, ele retirou-a e abriu-a, sempre perscrutando a mulher surpreendida à sua frente.

— O que... está a fazer?

— A senhora... é a proprietária?

— Claro que sou. Vim buscar a bolsa. Nós falámos ao telefone, não se lembra?

Era uma pergunta tão disparatada que a senhora Yeom quase se sentiu ofendida. O homem, contudo, não disse uma palavra. Remexeu na bolsa até encontrar a carteira, da qual tirou o cartão de identidade.

— Número de contribuinte... por favor.

— Desculpe, mas acha que estou a mentir?

— Tenho de ter a certeza. Sou responsável... Tenho de a devolver à proprietária.

— O cartão de identidade tem a minha fotografia. Ora veja.

O homem pestanejou com os olhos ainda inchados da sova, olhando primeiro para a fotografia e depois para a senhora Yeom.

— A fotografia... não parece a senhora.

A senhora Yeom estalou a língua, mais pelo absurdo da situação do que pela frustração.

— Ah, é uma fotografia antiga — acrescentou o homem.

Era, sem dúvida, uma fotografia antiga, mas não deixava de ser o seu rosto, perfeitamente reconhecível. Mas talvez o homem à sua frente não visse muito bem. Ou talvez ela tivesse envelhecido muito.

— O número de contribuinte... por favor.

A senhora Yeom suspirou e disse-o de uma forma clara.

— Cinco, dois, zero, sete, dois, cinco. Está certo?

— Ce... certo. Tinha de ter a certeza.

Após ter pedido permissão com um aceno, o sem-abrigo voltou a guardar o cartão de identidade na carteira e depois esta dentro da

bolsa. A senhora Yeom conseguiu finalmente reavê-la. Agora que tudo estava resolvido, deu por si a observar o homem que tinha à sua frente. Não só protegera a bolsa mesmo quando fora atacado, como também confirmara meticulosamente que ela era a proprietária. Eram ações de uma pessoa verdadeiramente responsável.

O homem levantou-se com um gemido. A senhora Yeom, levantando-se também ela, tirou imediatamente da carteira quarenta mil *wons* em dinheiro e estendeu-lhos.

— Tome.

O homem à sua frente hesitou ao ver as notas.

— Pode ficar com elas.

Ao invés de aceitar o dinheiro, levou uma mão ao bolso do casaco e tirou de lá um monte de pequenos lenços de papel amarrotados, que usou para limpar o sangue que lhe saía do nariz. Depois virou costas e começou a caminhar. A senhora Yeom ficou a olhar para ele, envergonhada, ainda com a mão estendida com o dinheiro da recompensa. O homem dobrou-se em frente à entrada da loja, precisamente onde antes estivera a almoçar. Ela seguiu-o.

Olhava fixamente para a caixa do almoço no chão e murmurava para si mesmo. Depois suspirou. A senhora Yeom, que não deixara de o observar, dobrou-se ligeiramente e tocou-lhe no ombro. Quando ele se virou, a sua expressão fez-lhe lembrar a dos seus alunos sempre que se sentiam acanhados diante dela.

— Gostava de vir um instante comigo?

Ao sair da estação, o homem hesitou por um momento, como um herbívoro relutante a deixar o abraço da Natureza para subir para um camião estacionado no asfalto.

A senhora Yeom fez-lhe um aceno com a mão, quase um convite a que deixasse o passado para trás, na Estação Central de Seul, e os

dois foram andando juntos pelo bairro de Galwol. Ele seguia-a com pequenos passos de intervalo, enquanto ela caminhava depressa pelas ruas em direção ao bairro de Cheongpa. O outono já ia adiantado e os frutos das árvores de *ginkgo* que ladeavam a rua emanavam um mau cheiro semelhante ao do homem. A senhora Yeom deu por si a pensar no motivo pelo qual o levara consigo.

Queria encontrar uma forma de o recompensar, já que recusara o seu dinheiro. Tinha de o premiar por ter protegido desesperadamente a sua bolsa e porque, embora fosse um sem-abrigo, escolhera, ainda assim, fazer o que estava certo. Ao fim de tantos anos atrás de uma secretária de professora, ela sabia que a avaliação que fazia aos alunos poderia deixar uma marca indelével. Acima de tudo, era cristã e toda a vida praticara a fé da sua mãe. Por isso, queria ser uma boa samaritana para aquele homem, que o fora primeiro com ela.

Os dois caminharam cerca de quinze minutos e, depois de deixarem para trás as ruas sujas à volta da estação de Seul, chegaram a uma majestosa igreja.

Grupos de estudantes em calças de ganga e camisolas de malha, provavelmente vindas da universidade feminina vizinha, passeavam a rir, e, transeuntes, faziam fila à porta dos quiosques e pequenos restaurantes, que se tinham tornado famosos após terem aparecido na televisão. Quando a senhora Yeom se virou, viu que o homem estava absorto a admirar a cena. Percebeu também que algumas pessoas procuravam evitá-lo. A ideia do que pensariam ao vê-los juntos deixava-a curiosa e preocupada ao mesmo tempo, porque ela vivia precisamente em Cheongpa. E era ali que tinha a sua loja.

A senhora Yeom continuou em direção à Universidade Feminina Sookmyung, com o homem a segui-la como uma sombra. Passou por algumas ruelas e, por fim, chegou a um cruzamento estreito. Numa das esquinas, ficava uma loja de conveniência.

Tratava-se de uma pequena loja que era propriedade da senhora Yeom. Não era muito grande, mas o importante era que lhe permitia oferecer ao homem outro *dosirak*. Então, abriu a porta e fez-lhe sinal para entrar. Ele hesitou, mas acabou por segui-la.

— Bom dia. Ah, viva, chefe!

A rapariga da caixa em *part-time*, Sihyeon, pousou o telefone e cumprimentou-a com um sorriso, imediatamente retribuído pela senhora Yeom. Logo a seguir, contudo, empalideceu.

— Não te preocupes, é meu convidado.

A expressão de Sihyeon ensombrou-se ao ouvir a palavra «convidado». Pensando que a sua empregada tinha ainda muito que aprender para se poder considerar uma pessoa adulta, a senhora Yeom puxou o homem por um braço até à arca frigorífica onde estavam os *dosirak*. Ele seguiu-a em silêncio, de olhos vazios, desprovidos de expressão.

— Escolhe o que quiseres.

— Hã?

— Esta loja é minha, por isso, estás à vontade para levar o que quiseres.

— Mas... Eu... Como?

O homem ofegou e, em seguida, ficou de boca aberta com um ar perdido.

— O que foi? Não gostas de nada?

— O *dosirak*... da Park Chanho... Não há.

— Esta loja de conveniência não é da GS. Só a cadeia GS é que vende os produtos patrocinados pela Park Chanho.

— Park Chanho... até o seu almoço... é bom...

A senhora Yeom, sem palavras perante esta ingénua defesa de um seu concorrente direto, bateu levemente no *dosirak* maior que tinha.

— Experimenta este. É um *dosirak gourmet*. Tem muitos acompanhamentos.

O homem aceitou a caixa e contou atentamente todos os acompanhamentos incluídos no almoço.

São doze, parvo. Devia ser um sonho para um sem-abrigo como tu, pensou a senhora Yeom, enquanto o homem olhava fixamente para a caixa, como se a estudasse. Uma vez terminada a sua análise, olhou para ela e fez uma vénia. Depois saiu da loja e dirigiu-se à mesa exterior como se estivesse em casa.

Num instante, a mesinha de plástico verde transformou-se na sua mesa posta. O homem levantou a tampa de plástico do *dosirak* como se estivesse a desembulhar uma prenda valiosa, separou os pauzinhos com cuidado e levou um pedaço de arroz à boca. Depois de o observar, a senhora Yeom virou-se, pegou num pacote de sopa liofilizada de pasta de soja e pousou-a no balcão. Sihyeon viu-a e passou de imediato o código de barras pelo leitor da caixa. A senhora Yeom colocou água quente dentro da taça, pegou numa colher e saiu.

— Toma isto também. É melhor com sopa.

O homem, com os olhos a saltar entre o rosto da senhora Yeom e a sopa que ela lhe oferecia, tirou a colher da taça e levou-a diretamente à boca. Engoliu, de um só trago, metade da sopa como se não a sentisse de todo quente, depois anuiu e voltou a pegar nos pauzinhos.

A senhora Yeom, depois de ter entrado na loja e enchido com água um copo de papel, pousou-o na mesa ao lado do homem e, por fim, sentou-se à sua frente, observando-o a comer diretamente da caixa do *dosirak*. Parecia um urso a empanturrar-se de mel depois de ter acordado da hibernação, ou, melhor, um urso que faz provisão de comida pouco antes de hibernar. Provavelmente, era difícil para um sem-abrigo como ele fazer três refeições por dia, mas, então, como estava tão gordo? Talvez os sem-abrigo ganhassem peso pelo mesmo motivo que tantos pobres sofriam de obesidade, pensou a senhora Yeom. Ou talvez porque comia muito depressa.

— Podes comer com calma. Ninguém to tira.

O homem olhou para ela, a boca cheia de sopa e *kimchi* frito.

Agora, parecia dócil, não cauteloso como antes.

— É muito bom...

Observou o tabuleiro de plástico do almoço em caixa descartável pousado na mesa ao seu lado e acrescentou ainda:

— Era mesmo... *gourmet*.

Ao invés de terminar a frase, baixou a cabeça e voltou a tragar a sopa de pasta de soja. Agora que estava calmo, parecia evidente que saciar a fome lhe restituíra alguma lucidez mental.

A senhora Yeom sentiu uma estranha satisfação ao vê-lo usar os pauzinhos para comer os últimos pedaços de *eomuk*, os rolinhos de arroz fritos. Naquele esforço, conseguia vislumbrar a dignidade de um ser humano.

— Volta quando tiveres fome. Podes comer um *dosirak* sempre que quiseres.

Os pauzinhos do homem detiveram-se, enquanto ele fixava a senhora Yeom de olhos esbugalhados.

— Vou avisar os meus empregados, assim não precisas de pagar.

— Mas está a falar... dos produtos não vendidos?

— Não, dos novos. Porque haverias de comer comida fora do prazo?

— Os empregados em *part-time*... normalmente... comem os produtos fora do prazo... Ainda estão bons.

— Na minha loja, ninguém come comida fora do prazo. Nem os meus empregados nem tu. Leva só produtos frescos. Sou eu que te autorizo.

Por um instante, o homem pareceu confuso; depois voltou a inclinar a cabeça e começou a recolher pedacinhos de *eomuk* frito. A senhora Yeom estendeu-lhe a colher que lhe levara antes. Ele aceitou-a, observando-a como um chimpanzé faria com um *smartphone*. Contudo, tal como quem se lembra de como se anda de bicicleta apesar de ter aprendido há muitos anos, usou-a para apanhar as últimas migalhas

de *eomuk* e, satisfeito, levou-as à boca. Por fim, levantou os olhos do recipiente já quase vazio e olhou para a senhora Yeom.

— Era... bom. Obrigado.

— Obrigado por ter protegido a minha bolsa.

— Ah... Na verdade, foi levada por dois homens.

— Dois homens?

— Sim... Eu gritei com eles e tirei-lhes... a bolsa.

— Quer dizer que discutiste com os ladrões para recuperar a minha bolsa? Querias devolver-ma?

O homem anuiu e beberricou a água do copo de papel que ela lhe estendia.

— Dois... consigo vencer. Três... nem tanto. Aqueles... para a próxima, vão chatear-se comigo.

Ao lembrar-se do que acontecera na estação de Seul, o homem rangeu os dentes de raiva. A senhora Yeom franziu o sobrolho ao ver restos vermelhos de pó de malagueta entre aqueles dentes amarelados, mas vê-lo finalmente tão animado tranquilizou-a.

O homem acabou de beber e olhou em volta.

— Mas... Onde estamos?

— Aqui? Estamos no bairro de Cheongpa. «*Cheong*» de azul e «*Pa*» de colina.

— A colina... azul. Bonito...

Debaixo da barba basta, os cantos da boca do homem subiram num sorriso. Depois, pegando na caixa vazia e no recipiente da sopa de pasta de soja, levantou-se. Deitou-os fora, com naturalidade, no caixote da recolha de lixo diferenciada e, voltando a pôr-se diante da senhora Yeom, tirou do casaco um monte de lenços para limpar a boca. Por fim, fez-lhe uma vénia profunda e virou costas à loja de conveniência.

A senhora Yeom ficou a vê-lo a afastar-se em direção à estação central, como um empregado normal a dirigir-se para o trabalho, e depois voltou a entrar na loja. Sihyeon bombardeou-a com perguntas,

de olhos reluzentes de curiosidade. A proprietária contou-lhe toda a história desde que se apercebera, no comboio, de ter perdido a bolsa. A rapariga reagiu com uma série de exclamações como «Caramba!» e «A sério?», tão incrédulas como preocupadas.

— Que homem interessante. Não consigo capacitar-me de que esteja reduzido a ser um sem-abrigo.

— É só um vagabundo. Cuidado, veja se está tudo dentro da carteira.

A senhora Yeom abriu a bolsa e espreitou lá para dentro. Estava tudo no seu lugar. Lançou um sorriso a Sihyeon, como que a convidá-la também a confirmar, tirou da carteira o seu cartão de identidade e mostrou-lho.

— Estou muito diferente?

— Não, está igual. Tirando alguns cabelos grisalhos, não envelheceu muito.

A senhora Yeom estudou atentamente a fotografia do seu cartão de identidade. Estava mesmo diferente do seu atual aspeto.

— Irrita-me, mas ele tem razão.

— O quê?

— Nada, foi só uma coisa que me aconteceu. Tu sabes o que significa ter tato, Sihyeon.

A senhora Yeom disse a Sihyeon para dar um *dosirak* àquele sem-abrigo se ele voltasse ali, e para transmitir a indicação aos outros empregados. Sihyeon, embora algo carrancuda, escreveu de imediato as instruções recebidas no *chat* dos empregados da loja. A senhora Yeom olhou em volta, apreciando a sua loja com um ar satisfeito, mas, de repente, foi tomada por um desconforto. Não conseguia lembrar-se se tinham entrado clientes enquanto o sem-abrigo comia. Sentiu logo a boca seca só de pensar que teria demência. Apesar disso, recebera uma boa ação e retribuía-a, por isso, podia considerar que fora um bom dia.

— Mas não devia ir a Busan?

— Oh, não, que parva que sou!

O dia ainda não terminara. Teria de chegar a Busan, no máximo, até ser de noite. Ia ao funeral da prima, e depois queria ficar alguns dias na cidade.

Guardou a bolsa porta-documentos dentro da mala e encaminhou-se outra vez para a estação.

Ao fim de cinco dias em Busan, a senhora Yeom decidiu passar pela loja de conveniência para ver como estavam as coisas.

Depois de entrar, Sihyeon, ocupada a atender um casal que pagava bebidas, cumprimentou-a com o olhar. Quando os clientes saíram, largou a caixa e aproximou-se dela. Após terem trocado cumprimentos e perguntas sobre a loja, Sihyeon olhou para a senhora Yeom com ar de quem tinha algo a dizer.

— Aquela pessoa... tem vindo todos os dias.

— Aquela pessoa... Ah, estás a falar do sem-abrigo?

— Sim. Vem todos os dias à mesma hora e come um *dosirak*.

— Nunca veio durante outro turno?

— Não, só durante o meu.

— Então, vê-se mesmo que gosta de ti!

Sihyeon respondeu com um olhar descontente e a senhora Yeom aceitou com um sorriso as suas reprimendas, explicando-lhe que fora só uma piada.

— Agora que penso nisso... Só vem durante o meu turno e só quando tenho de tirar os produtos fora do prazo das prateleiras.

— Como? Não te disse para lhe dares só *dosirak* frescos?

— Sim, disse. Mas se eu lhe digo para comer um dos *dosirak* novos, ele insiste em comer só os que estão fora do prazo.

— Eu tinha-lhe dito que podia comer os frescos... Agora sinto-me uma mentirosa.

— Olhe que não é nada fácil convencê-lo. Ele põe-se em frente à caixa e não para de insistir e de resmungar. E o cheiro... é como se estivesse um monte de esterco no meio da loja. Uma vez um cliente até saiu a correr depois de o ter visto ao pé da caixa. O que posso fazer? Dar-lhe o que ele quer e assim pode ir-se embora. E mal sai, abrir todas as janelas.

— Ah, estou a ver.

— Ele teima em fazer assim. E depois eu gostava de saber se é médium, porque chega sempre exatamente no momento em que estou a tirar os produtos fora do prazo do frigorífico.

— Talvez tenha experiência com este tipo de coisas.

— Ontem, veio um pouco atrasado, até fiquei preocupada, podia estar mal.

Sihyeon apertou os lábios e mostrou, pela primeira vez, uma preocupação genuína. A senhora Yeom sorriu. Sempre que via a empregada, alta e magra e com um coração tão ternurento, lembrava-se dos bonecos insufláveis usados para promover as lojas, que se agitavam com a força do vento.

— Sihyeon, Sihyeon, és muito boazinha. Um dia ainda salvas o mundo.

— Fale por si — rebateu Sihyeon. — Não consigo acreditar que decidiu oferecer comida a um sem-abrigo. E se ele decidir trazer os amigos?

Um boneco insuflável, se for atingido, dobra-se, mas depois faz um ressalto para trás e retribui o golpe.

— Não é esse tipo de pessoa.

— Como sabe?

— Tenho faro para as pessoas. Foi assim que te contratei.

— A chefe é mesmo incrível.

Era sempre agradável discutir com Sihyeon; para a senhora Yeom, ela era quase a filha mais nova que nunca tivera. Por um lado, espe-

rava que conseguisse passar no exame de acesso à função pública e que deixasse, finalmente, o emprego de caixa em *part-time*. Ao mesmo tempo, contudo, a ideia de que a rapariga deixaria de trabalhar na loja enchia-a de tristeza.

Ding-dong. A campainha da porta anunciou a chegada de um cliente e Sihyeon voltou para a caixa com um sorriso nos lábios. A senhora Yeom deu mais uma olhadela à loja, parando nos *dosirak* que restavam, e decidiu que, no dia seguinte, na hora de os tirar das prateleiras, voltaria. Queria perguntar o nome ao misterioso sem-abrigo.

Nessa noite, após ter voltado para casa, a senhora Yeom adormeceu em frente à televisão. Acordou com o telemóvel a tocar. No ecrã de cristais líquidos flutuava o nome do seu filho e as horas indicavam que passava pouco da meia-noite: dois elementos que, combinados, lhe provocavam um nó no estômago, enquanto atendia a chamada. Tal como esperava, a voz que saiu do telefone era a de um homem embriagado. O seu filho não sabia que ela estivera em Busan, nem se lembrava de que, no dia seguinte, seria o seu aniversário. Ainda assim, disse-lhe que gostava muito dela e pediu desculpa por ser um filho horrível, apesar de a adorar. Para concluir esta introdução já conhecida, chegou a clássica pergunta de como ia o negócio da loja de conveniência. A senhora Yeom disse-lhe que a questão não lhe dizia respeito. A resposta do filho consistiu num dos seus habituais devaneios sobre vender a loja que não dava lucro e usar o dinheiro para financiar o seu negócio, e, assim, a mãe poderia viver mais tranquilamente e sem preocupações. No limite do que conseguia suportar, a senhora Yeom deu-lhe uma resposta seca.

— Minsik, não devias tentar enganar a tua mãe.

— Porque não confias em mim? Achas mesmo que eu faria uma coisa dessas?

— Eu fui professora de História, Minsik. Tal como acontece no estudo da História, as pessoas deveriam ser julgadas segundo o que fizeram no passado. Pensa em como tens vivido até agora. Confiarias numa pessoa como tu?

— Sinto-me tão sozinho, mãe. Tu e a tua filha fazem-me sempre sentir assim. Porquê? São a minha família... porquê?

— Minsik, se estás bêbado, vai dormir.

— Mas...

Após ter desligado a chamada, a senhora Yeom foi até à cozinha. O seu coração crepitava como um naco de carne numa grelha a ferver, e o prurido já se propagara por todo o tórax. Abriu o frigorífico, tirou uma lata de cerveja e bebeu-a toda de um trago. O álcool fê-la tossir, mas sufocou o ardor do peito e o aperto no coração. *Que cena patética*, pensou. *Uma velha a beber para esquecer a voz do filho bêbado.*

Não sabia mesmo o que fazer.

Sempre pensara que, com discernimento e determinação, seria capaz de resolver qualquer problema, mas não contara com o filho. Se vendesse a loja para investir no negócio, ou melhor, na trapaça de Minsik, acabaria por perder tudo. E depois o que faria? Só lhe restaria aquela casa, de duas assoalhadas. O terceiro andar de um edifício antigo que há vinte anos se erguia, desbotado, na colina do bairro de Cheongpa. O seu filho não pararia até perder aquele último refúgio.

Odiava admiti-lo, mas Minsik era mesmo um charlatão. Até a sua nora se apercebera muito cedo e se divorciara rapidamente ao fim de apenas dois anos de casamento. Quando descobrira, a senhora Yeom ficara furiosa com aquela decisão repentina... No entanto, acabou por ter de admitir que a culpa era quase toda do seu filho. Nos três anos seguintes ao divórcio, Minsik esbanjara todos os seus pertences e começara a beber. E a mãe, a única pessoa que poderia ajudá-lo, o que fizera?

Era capaz de se preocupar com o almoço de um sem-abrigo da estação central, então, porque não conseguia ajudar o desgraçado do filho que só sabia afogar a sua solidão no álcool?

Terminada a cerveja, a senhora Yeom começou a rezar ali, à mesa. Só lhe restava rezar e ter esperança.

A senhora Yeom passou o seu aniversário na companhia da filha, do genro e da sua única alegria, a netinha Junhee. Desta vez, não foram buscá-la à sua casa em Cheongpa, convidaram-na para comer carne grelhada num restaurante de cozinha coreana num centro comercial do bairro deles. Quer o apartamento do High Eco Village de Ichon onde vivia a sua filha, quer o pequeno prédio do bairro de Cheongpa onde vivia a senhora Yeom, pertenciam à zona de Yongsan, mas os dois subúrbios não podiam ser mais diferentes.

Embora Yongsan se tivesse tornado a segunda zona mais cara de Seul, a seguir a Gangnam, Cheongpa ainda era um bairro popular onde pequenos apartamentos e residências de estudantes se alternavam bem juntinhos na vertente da colina. A filha e o genro da senhora Yeom diziam sempre que o verdadeiro proprietário do seu apartamento era o banco, mas, na verdade, há algum tempo que poupavam dinheiro para se mudarem para Gangnam, quando Junhee entrasse para a escola secundária. De vez em quando, a senhora Yeom perguntava-se se aquela tendência exagerada para poupar e os seus investimentos agressivos, tão diferentes do modo algo ingénuo como ela geria o seu dinheiro, se devia à capacidade da filha ou ao talento do marido, mas acabara por concluir que eram fruto de um esforço conjunto de ambos. Depois de se ter casado, a sua filha tornara-se quase uma estranha para ela, mas o homem com quem ela se casara parecia-se cada vez mais com os seus pais.

Felizmente, a senhora Yeom não precisava de se preocupar com a filha, que vivia feliz com a pessoa certa. Não como tinha de se preocupar com Minsik, que, após muitas discussões, acabara por se divorciar. Contudo, tinha a vaga suspeita de que, quando a sua filha, já tão mudada no discurso, na atitude, na sua própria essência, se mudasse para Gangnam, a relação entre as duas iria tornar-se ainda mais ténue com a distância. Ao mesmo tempo, o facto de a terem convidado para ir comer carne num lugar tão caro... Sinceramente, quer como mãe, quer como sogra, sentia-se mais embaraçada do que contente. Normalmente, no seu aniversário, a família da filha levava-a sempre a comer entrecosto de porco num restaurante perto da estação de metro da Universidade Feminina Sookmyung. Pouco à vontade, sorriu para a neta Junhee. Esta, demasiado ocupada a ver vídeos no YouTube no seu *smartphone*, nem se apercebeu, mas isso não deitou por terra o bom humor da avó. A filha e o genro estavam a falar sobre investimentos, cadernetas de poupanças e fundos de seguros, mas ela não percebia uma palavra e, dado que a carne estava prestes a ser servida, só queria pensar em comer. Era o seu aniversário e queria aproveitá-lo.

Finalmente, a comida chegou e a senhora Yeom pôde concentrar-se apenas na carne que o genro grelhava para ela. Enquanto ele controlava a grelha, a sua filha ajudava Junhee a comer. No fim, depois de ter servido a cerveja, a sua filha fez um brinde e dirigiu-se à mãe como se esperasse por aquele momento.

— Sabes, decidimos inscrever a Junhee em aulas de *taekwondo*.

— Mas uma menina a fazer *taekwondo*?

— Como pode uma pessoa que estudou ter estes preconceitos? Não se pratica *taekwondo* segundo o género... Há dias, a Junhee discutiu com um menino e decidiu que queria aprender *taekwondo* para se poder defender nestas situações.

A sua filha tinha razão. A senhora Yeom, envergonhada pelas suas opiniões tão retrógradas, retesou-se. Enquanto o genro se mantinha

sabiamente em silêncio, a sua filha terminou a cerveja. A senhora Yeom voltou-se para Junhee, tentando manter uma expressão relaxada.

— Junhee, então, queres aprender *taekwondo*?

— Sim — respondeu Junhee, sem sequer levantar os olhos do YouTube.

— Ouvi dizer que há um ginásio ótimo no teu bairro, mãe. O instrutor é muito bom. Jovem, muito simpático. Até foi convocado como suplente para a seleção nacional. Li no *chat* do Ichonmom.

— Ichonmom?

— É um grupo da Internet, gerido por algumas mães da zona leste de Ichon.

— Mas, desculpa, esse instrutor não é um bocadinho idiota? Devia abrir o seu ginásio na zona leste de Ichon, então, onde pode ganhar dinheiro. O que faz ele escondido nas ruelas de Cheongpa?

— Parece que tentou, mas as rendas são muito altas. De qualquer maneira, não posso esperar que consiga mudar para estes lados, e visto que quero inscrever a Junhee com ele, talvez precise de ajuda.

A carne de porco macia ficou, de repente, tão borrachosa que se colava aos dentes. A senhora Yeom não tinha nada contra passar algum tempo com Junhee. O que não suportava era não poder decidir quando.

A sua filha queria que ela ficasse com Junhee nas duas horas entre a aula de *taekwondo* e a de violino. Além disso, a carrinha da aula de violino não passava regularmente, por isso, a senhora Yeom teria de levar a neta de autocarro. Teoricamente, não seria difícil para uma senhora de idade e já reformada, sem nada para fazer todo o dia, tomar conta da sua netinha durante duas horas. Mas a senhora Yeom tinha muito que fazer. Tinha de passar pela loja de conveniência, para ver se tudo corria bem, tinha de ajudar na igreja e também escrever algumas palavras em inglês todos os dias para prevenir a demência. Mas era inevitável que os seus compromissos fossem menos importantes quando comparados com os da filha ou da neta.

Não pôde recusar o pedido. Não falaram de compensação, mas a senhora Yeom aceitou, ainda assim, sem hesitar, confiante de que a filha e o genro a recompensariam de alguma maneira.

No autocarro que a levava até casa, voltou a pensar nos empregados da sua loja. Ultimamente, aquelas pessoas tinham-se tornado a sua família, muito mais do que o filho, que não lhe dava ouvidos, ou do que aquela filha incrivelmente inteligente. Esta dir-lhe-ia seguramente que tratar os empregados como membros da família não era bom para o negócio, mas a senhora Yeom não podia fazer nada. Nunca lhes pedira que a tratassem como um membro da família, nem os obrigara a trabalhar mais do que deviam, porque era ela quem os tratava com demasiada confiança. A verdade era que, naquele momento, as pessoas que trabalhavam para ela eram as únicas com as quais podia contar.

A senhora Oh, que trabalhava na loja de manhã, era sua amiga e vizinha há vinte anos, e ambas frequentavam a mesma paróquia. Era a primeira a tratar a patroa como uma irmã mais velha e a partilhar com ela as suas alegrias e preocupações. Sihyeon, que trabalhava no turno da tarde, era como uma filha ou neta de quem a senhora Yeom queria cuidar. Trabalhava ali há quase um ano e, à exceção de alguns erros nas contas, nunca dera problemas. Pelo contrário, a senhora Yeom estava-lhe agradecida por assegurar o turno da tarde há tanto tempo.

Quanto a Seongpil, que era responsável pelo turno da noite desde que a loja abrira, era um dos seus ajudantes mais fiáveis. Já com cinquenta e muitos anos, aparecera como por magia dois anos antes, quando a senhora Yeom acabara de inaugurar a loja, resolvendo o problema espinhoso do turno da noite, que levava bem mais do que um empregado a demitir-se. Nessa altura, Seongpil vivia num apartamento de uma cave perto da loja, e ia lá com frequência comprar cigarros. Quando a senhora Yeom colara um cartaz a pedir um caixa em *part-time*, ele oferecera-se para o lugar.

Após ter explicado que estava desempregado e que lhe seria difícil encontrar outro trabalho, dissera-lhe que ganharia o suficiente para viver fazendo o turno da noite. Apercebendo-se do desejo desesperado de Seongpil para sustentar a sua família, a senhora Yeom acrescentara quinhentos *wons* ao seu salário.

E desde que o novo governo aumentara bruscamente o salário mínimo, Seongpil conseguia receber mensalmente mais de dois milhões de *wons*. Desde então, durante um ano e meio, continuara a trabalhar em *part-time* na loja durante as horas noturnas, que eram consideradas as mais duras, dada a dificuldade de se habituar a uma alternância diferente entre vigília e sono.

Todos eles eram como uma família para a senhora Yeom. Como patroa, esperava, obviamente, que se mantivessem muito tempo na loja. Contudo, se Sihyeon, que estava a estudar para entrar no mundo do trabalho, e Seongpil, cujo objetivo era encontrar um emprego a tempo inteiro, conseguissem realizar os seus sonhos, a senhora Yeom teria todo o gosto em dispensá-los.

Uma vez até indicara Sihyeon para um bom lugar numa empresa, mas a rapariga só se aguentou lá um dia. «Ainda não estou preparada para ser administrativa», dissera, mostrando claramente a sua intenção de continuar a trabalhar na loja.

Os turnos livres do fim de semana eram assegurados por alunas da Universidade Feminina Sookmyung, e os de durante a semana por estudantes do grupo de jovens da igreja. Com a rotação dos empregados em *part-time* que preferiam trabalhar pouco e ganhar apenas um ou dois dias de salário, a senhora Yeom tinha menos que fazer e sentia-se aliviada do seu principal receio como patroa, ou seja, explorar as pessoas. Ter empregados fixos semelhantes a uma família e estudantes em *part-time* que lhe chamavam chefe e cuidavam da loja era algo que a deixava sempre espantada e grata ao mesmo tempo.

Só havia um problema. O negócio não corria bem.

A senhora Yeom era capaz de levar uma vida digna com a sua reforma de professora. Abrira a loja de conveniência na tentativa de investir a herança do marido, seguindo o exemplo do seu irmão mais novo, que geria três. O irmão explicara-lhe como deveria expandir-se, porque, para ganhar bem, era preciso abrir pelo menos três lojas, mas para ela, uma era mais do que suficiente. Uma vez que também tinha a reforma, bastava-lhe que a loja conseguisse sustentar a sua família de empregados. Ao início, não tinha consciência disso, mas agora sabia que, sem a loja, a senhora Oh e Seongpil não conseguiriam chegar ao fim do mês com dinheiro, e até aquele que Sihyeon gastava na preparação para o exame de estado vinha do seu trabalho na loja. Depois de ter vivido uma vida inteira longe do afã dos empresários, a senhora Yeom só começara a preocupar-se com a gestão quando se apercebera de que aquele posto de trabalho não pertencia só a ela, mas também aos seus empregados.

Ao início, parecia-lhe que o negócio corria bem, mas, no espaço de seis meses desde a abertura, apareceram outras duas lojas de conveniência de *franchises* diferentes a menos de cem metros que tinham começado a fazer concorrência entre eles. Devido aos descontos e promoções agressivos dos dois concorrentes, o negócio da senhora Yeom, pequeno e relativamente calmo, vira as suas receitas caírem, como um produto que passara o seu tempo e estava pronto a ser retirado das prateleiras.

A senhora Yeom nunca tivera o objetivo de enriquecer. O que a preocupava era que os seus empregados não soubessem para onde ir se a queda de vendas a levasse à falência. Ao mesmo tempo, não fazia ideia de que o mundo das lojas de conveniência pudesse ser tão competitivo, e não sabia quanto mais tempo conseguiria sobreviver.

No dia seguinte, a senhora Yeom foi até à loja à hora em que os alimentos no fim do prazo de validade eram tirados do frigorífico e deparou-se com o sem-abrigo a limpar a mesinha exterior.

Ao fresco do fim de tarde de outono, o homem recolhia beatas de cigarro, copos de papel e latas de cerveja. Era quase hipnótico, vê-lo levar o lixo para os caixotes, examiná-lo minuciosamente e separá-lo antes de o despejar. Nesse momento, Sihyeon saiu e deixou um *dosirak* em cima da mesa, fazendo um sinal de convite ao homem. Ele agradeceu-lhe com uma ligeira vénia. Ela retribuiu, deu meia-volta e cruzou os olhos com a senhora Yeom, que os observava.

— Oh, quando é que chegou?

— Estavas a oferecer-lhe um *dosirak*?

— Sim. Ele ajuda-me a limpar... Queria agradecer-lhe.

Sihyeon sorriu e voltou para a loja, enquanto o sem-abrigo cruzou o olhar com o da senhora Yeom. Após lhe ter também feito uma vénia, levantou o tabuleiro do *dosirak*. A comida deitava fumo como se tivesse acabado de sair do forno. A senhora Yeom sentou-se à frente dele sem dizer uma palavra. O homem hesitou, quase intimidado com a sua presença. Quando ela lhe fez sinal para comer, ele separou os pauzinhos. Depois tirou uma pequena garrafa verde do bolso do casaco.

O homem abriu a garrafa verde de *soju* meio cheia e deitou todo o conteúdo num copo de papel. A senhora Yeom continuou a fitá-lo calmamente enquanto ele comia e bebia, e, pouco depois, também ele deixou de se sentir embaraçado e concentrou-se na sua refeição.

Quando terminou, a senhora Yeom entrou na loja e trouxe duas latas de café. O homem animou-se quando ela se sentou de novo à sua frente e lhe estendeu uma. Baixou a cabeça e bebeu o café de um trago, como se fosse água com açúcar. Ela também bebeu o seu. O gelo que permeava o ar do final do outono derreteu perante a sensação de calor que emanava do café em lata. No verão, os clientes reuniam-se à volta da mesa a beber cerveja, a fumar e a falar alto, gerando muitos protestos por parte dos vizinhos, e até deixavam lixo no chão, dificultando a manutenção da zona. E, contudo, a mesa exterior em frente à loja era como um pequeno refúgio para as pessoas de Cheongpa,